



Os Crápulas do Colarinho Branco e a Justiça de Algodão

Publicado em 2025-07-13 20:55:20



Artigo de Augustus Veritas

Como os herdeiros do BES esconderam milhões e a Justiça portuguesa fingiu não ver

"Em Portugal, há dois códigos penais: um para quem rouba pão, outro para quem devora bancos inteiros."



O Crime de Luva Branca

Ricardo Salgado, ex-"dono disto tudo", não era apenas o rosto do Banco Espírito Santo — era o epicentro de uma teia financeira que atravessava continentes, lavava milhões e

manipulava governos como se fossem extensões do seu império.

Em março de 2014, poucos meses antes do colapso do BES, Salgado transferiu **cerca de 2 mil milhões de euros** para a sua mulher e três filhos. Uma manobra preventiva, que mais parece um "fujam com o ouro, o navio vai ao fundo". E foi.

Mas o que aconteceu a seguir? Nada. Ou melhor: muito pouco.



Um Saco Azul Cheio de Silêncios

O chamado "saco azul" — o fundo clandestino do GES — foi abastecido com dinheiro desviado, canalizado para contas offshore e usado para subornar, premiar lealdades e silenciar consciências. Estima-se que **só esse esquema tenha custado ao Estado mais de 5 milhões de euros**.

E ainda assim, a Justiça andou aos ziguezagues:

- Investigou devagar
- Deixou prescrever crimes
- E quando finalmente condenou Ricardo Salgado...
... a pena foi simbólica, **convertida para prisão domiciliária**, e agora suspensa por alegado Alzheimer.

Alzheimer selectivo, pelos vistos. Porque Salgado **ainda se lembra onde guardou o dinheiro**.



O Governo, o Novo Banco e o Roubo Legalizado

Com o colapso do BES, nasce o **Novo Banco**, essa criatura mitológica financiada com o suor dos contribuintes.

Cerca de **4 mil milhões de euros** foram injetados no sistema para "salvar o que restava". Na prática, foi uma lavagem estatal de ativos tóxicos, em que o contribuinte passou a pagar a conta da má gestão, dos abusos e da ganância institucionalizada.

E o que faz a Justiça?

Assobia para o lado.

Concorda com perícias que atestam a "inaptidão mental" do réu. Aceita que um banqueiro com milhões escondidos viva em casa, entre jardins e silêncio, **enquanto famílias foram despejadas por dívidas de 2.000 euros.**



Conivência Judicial: a Grande Traição

Não se trata apenas de impunidade. Trata-se de **colaboração estrutural.**

Quantos juízes, procuradores, ou reguladores se levantaram a sério contra esta farsa?

Quantos perderam o emprego por omissão ou lentidão?

Quantos alertas do Banco de Portugal foram ignorados até ser tarde demais?

A resposta é: **nenhum.**

Portugal tornou-se perito em punir o pequeno infrator e proteger o colarinho branco com véus processuais, relatórios "inconclusivos" e penas adiadas até à eternidade.

O Perigo da Normalização

Cada vez que um Salgado escapa, **o povo sente que o crime compensa** — desde que seja bem vestido, tenha amigos influentes, e envie os milhões para o sítio certo.

É esta a tragédia silenciosa da democracia portuguesa:
Um sistema judicial que tolera o roubo em grande escala, desde que ele seja praticado com copo de vinho caro na mão e gravata de marca ao pescoço.

Conclusão: Justiça que Não Morde é Justiça Domesticada

Portugal não precisa de mais leis.

Precisa de **coragem institucional**.

De juízes com espinha.

De políticos que não dependam de bancos para as suas campanhas.

E de um povo que diga basta.

A história do BES, de Ricardo Salgado e dos seus herdeiros é apenas **o exemplo mais escandaloso daquilo que se tornou sistémico**.

Enquanto isso, lá vai o ex-banqueiro milionário, esquecido seletivamente...

... e a Justiça portuguesa, lembrando-se apenas de castigar os fracos.

"Quando o sistema protege os poderosos e persegue os pobres, o nome disso não é Justiça — é farsa institucionalizada."



Blogue Principal

fragmentoscaos.eu



Clone Estático

fasgoncalves.github
.io/fragmentoscaos-
html



Site em Carrossel

indice.fragmentosca
os.eu